

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

Presidente: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Editor-executivo: SÉRGIO DÁVILA

Conselho Editorial: ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO, JANIO DE FREITAS, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria-executiva: MARCELO BENEZ (comercial), MURILO BUSSAB (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) E EDUARDO ALCARO (planejamento e novos negócios)

MARCO AURÉLIO CANÔNICO

A paz olímpica

RIODEJANEIRO - Não é difícil manter uma paz temporária no Rio, mesmo com a geografia caótica da cidade dificultando e com três facções criminosas fortemente armadas em guerra entre si, contra milicianos e contra a polícia.

A cidade já conhece o esquema ao menos desde a Eco-92, passando pelo Pan-07, pela Rio+20 (2012) e pela Copa-14: as Forças Armadas entram em cena ostensivamente, com seus tanques, aeronaves e navios. As polícias reforçam o patrulhamento das ruas e cessam as incursões em favelas, para evitar confrontos com traficantes. Somem os mendigos, os píquetes e a população de rua, ao menos nos bairros turísticos.

O resultado é que o Rio se transforma numa zona de segurança para que turistas e participantes do evento da vez — cientistas, políticos, papas, atletas — possam ir do Galeão até seus hotéis na zona sul ou na Barra sem o risco de serem alvejados no trajeto.

É esta paz artificial que os cario-

cas passam a experimentar novamente neste mês, em preparação para a Olimpíada de agosto. Serão 21 mil homens da Forças Armadas no Estado, quase todos na capital, além de 47 mil policiais civis, militares, federais e da Força Nacional, para vigiar desde as vias principais às arenas esportivas.

Mas se ocupar militarmente uma área fosse suficiente para garantir segurança perene, o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora não estaria desmoronando como está. A conclusão é tão óbvia que mesmo políticos e o secretário de segurança admitem abertamente: enquanto a única face visível do Estado em áreas pobres for a da polícia, nunca vai haver paz duradoura para a cidade.

A julgar pelas experiências anteriores em grandes eventos, a Rio-2016 deve transcorrer sem problemas graves de segurança. Mas, parafraseando Marcelo Yuka, esta falsa paz olímpica é a paz que o Rio não pode seguir admitindo.

marco.canonico@grupofolha.com.br